

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA, DE FILÓSTRATO

Semíramis Corsi Silva¹

Resumo: Este artigo apresenta nossas interpretações das representações da Índia e dos contatos estabelecidos pelo filósofo Apolônio de Tiana na biografia *Vida de Apolônio de Tiana*, escrita por Flávio Filóstrato na primeira metade do século III d.C. Visamos, com isso, mostrar como seu autor, um sofista grego inserido nas estruturas de poder do Império Romano na época da dinastia dos Severos (193-235), período em que a obra foi escrita, percebe a Índia nas relações estabelecidas por seu personagem, o sábio Apolônio, em viagem por essa região. Buscaremos mostrar como nessas passagens há a construção de fronteiras identitárias e a afirmação da identidade e da *paideia* grega do autor, Filóstrato, projetadas no protagonista da obra e em meio a suas representações do *outro*. Além disso, pretendemos refletir sobre a ótica e os possíveis anseios de Filóstrato relacionados com características do contexto severiano em que o autor viveu e escreveu.

Palavras-chave: Filóstrato; *Vida de Apolônio de Tiana*; dinastia dos Severos; Índia; identidade grega.

GREEK IDENTITY AND ROMAN IMPERIAL POWER IN REPRESENTATIONS ABOUT INDIA: SOME THOUGHTS FROM *LIFE OF APOLLONIUS OF TYANA*, WRITTEN BY PHILOSTRATUS

Abstract: This article presents our interpretations about the representations of India and from the contacts established by the philosopher Apollonius of Tyana with the aforementioned land. Those issues can be noted in the biography named “*Life of Apollonius of Tyana*”, written by Flavius Philostratus in the first half of 3rd century AD. In this sense, the paper aims at demonstrating how the Greek sophist Philostratus, a man who took part in the structures of the Roman Imperial Power at the time of the Severans (193-235) presented India through the figure of the wise Apollonius and his wanderings around that region. Furthermore, I try to show how Philostratus’ work offered a literary construction of identitarian boundaries whereby the author reiterates his own identity and the Greek *paideia* through the representations made about the protagonist of the work (Apollonius) and his contacts with the “*other*”. Finally, I wish to highlight some thoughts on the

* Este artigo é fruto de reflexões apresentadas em tese de doutorado defendida pela autora em 2014 na UNESP/Franca, a qual contou com financiamento pela Capes e com bolsa PDSE para estágio na Universidad de Salamanca (Espanha).

¹ Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Franca). E-mail: semiramiscorsi@yahoo.com.br

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

viewpoint and possible aspirations of Philostratus taking into consideration the Severan background where the sophist lived in.

Keywords: Philostratus; *Life of Apollonius of Tyana*; Severan dynasty; India; Greek identity.

Introdução

Apolônio de Tiana foi um personagem que viveu, provavelmente, no século I d.C., cuja realidade e possível trajetória são permeadas por dúvidas. Nascido em Tiana, na província romana da Capadócia, Apolônio esteve envolvido em diversas polêmicas, foi comparado a Jesus Cristo no século IV d.C. por Sosiano Hierócles, governador da Bitínia e perseguidor de cristãos ao lado do imperador Diocleciano (284-305), que teria valorizado os atributos miraculosos de Apolônio contra Jesus Cristo, testemunho que, porém, não chegou até nossos dias. Tal comparação foi criticada mais tarde pelo escritor cristão Eusébio de Cesareia em *Resposta a Hierocles*. Apolônio esteve envolvido também em uma acusação de práticas mágicas e parece ter se relacionado com governantes romanos. Apolônio de Tiana causou admiração em algumas pessoas, como no sofista grego Flávio Filóstrato, que, em meados do século III d.C., lhe rendeu uma longa biografia apologética, a *Vida de Apolônio de Tiana*, que abreviaremos como VA conforme regras de abreviação do *Oxford Classical Dictionary*.

Na VA, Filóstrato narra sobre os feitos fantásticos de Apolônio e, especialmente, destaca características de suas funções e relações com povos e regiões em suas longas viagens. Filóstrato ainda transforma Apolônio em um homem divino (*theios aner*), elogiando as realizações miraculosas do tianeu, como Apolônio também pode ser chamado, e desconstrói uma imagem negativa que recaía sobre protagonista de sua obra. Tal imagem negativa pode ser vista em autores como Luciano de Samósata (*Alexandre ou o falso profeta*, 5; *Philopseudes*, XXIX) e Dião Cássio (*História Romana*, LXVII, 18, LXXVIII, 18, 4), que consideraram Apolônio como um *goes*, o praticante da nefasta *goeteia*².

² De maneira geral, nos textos dos escritores do Principado Romano houve uma distinção entre práticas de cunho mágico consideradas populares, malélicas e charlatãs, a *goeteia*, de outra magia incorporada em rituais de deuses da religião oficial romana e parte de estudos filosóficos, a teurgia. “As práticas comumente reconhecidas como *goeteia* são: viagens para o inferno, práticas mediúnicas, necromancia, simpatias,

As viagens de Apolônio na *VA* duraram toda a vida adulta do protagonista da obra que, conforme Filóstrato, talvez tenha vivido até mais de oitenta anos (*VA*, VIII, 29), tendo uma morte incerta e seu túmulo jamais sido encontrado (*VA*, VIII, 31). Portanto, o tema da viagem é contínuo na obra de Filóstrato. Em seu percurso, Apolônio teria partido da Capadócia, passando pelas províncias romanas da Cilícia, Panfília e Síria. A caminho da Índia, cruza pela região da Armênia, por terras do Império Parto, viaja pela chamada “terra dos árabes”, pela Císsia e estabelece pouso de um ano na cidade da Babilônia. Na volta da Índia, Apolônio para novamente na Babilônia, volta a uma cidade chamada na obra de Antiga Ninos – que talvez seja Nínive (Assíria) ou Hierápolis (Síria) – e depois para em várias cidades gregas. Então, viaja para Roma, Gades (Hispania Bética), Egito e Etiópia. Nos últimos livros, Apolônio faz novas viagens para cidades gregas, Roma e terras itálicas, onde é visto pela última vez, segundo nos relata seu biógrafo Filóstrato.

Diante do que foi exposto, o objetivo deste artigo é analisar as passagens da obra de Filóstrato que mostram Apolônio especificamente na região da antiga Índia e os contatos político-culturais entre Apolônio e os personagens indianos. Partimos da ideia que o Apolônio da *VA* é uma projeção de características do próprio autor da obra e de seu grupo, os sofistas gregos inseridos nas estruturas político-administrativas do Império Romano. São vários os aspectos que ligam o Apolônio da *VA* aos sofistas, o que podemos perceber se cruzarmos informações desta obra com a *Vidas dos Sofistas*, também de autoria de Filóstrato e também com a análise de obras de outros sofistas, como os discursos de Élio Aristides e Dião de Prusa, por exemplo. Entre tais aspectos destacamos: a prática de discursar em público, a tradição de serem intelectuais viajantes, a busca pela concórdia (*homonoia*) nas cidades, a proximidade com imperadores, as funções de intermediador cultural e conselheiro de governantes, a exaltação exagerada das tradições gregas, entre outros. Há, neste sentido, por toda *VA*, a defesa exagerada da cultura grega dentro do Império Romano, típica dos sofistas gregos, e de funções para homens que como Filóstrato – e conseqüentemente seu Apolônio – possuíam a *paideia* e os atributos dos sofistas³.

maldições, e todo tipo de persuasão oculta” (CORNELLI, 2001: 27). Já a teurgia era um tipo de prática de magia baseada na relação entre espíritos celestes (DODDS, 2002: 284).

³ Entendemos *paideia* como a educação pedagógica, política, filosófica e religiosa, recebida pelos cidadãos das elites greco-romanas (CARVALHO, 2010: 25). Seria, então, um “modelo de ‘cultura’ retransmitido pelo sistema educativo visando confortar e justificar a dominação política das elites locais” (CARRIÉ, 2011: 20).

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

Cumpramos ressaltar que a relação entre biógrafo e biografado na escrita das biografias tem sido muito discutida por estudiosos como o historiador François Dosse (2009), para quem as biografias são um espelho do próprio biógrafo, pois esse preenche lacunas com sua intuição e, nós completamos, com seu universo social e cultural. Além disso, o biógrafo precisa dar à sua narrativa o efeito do vivido, imprimindo, inevitavelmente, sua subjetividade na obra. Outro aspecto que Dosse sublinha na relação biógrafo/biografado é o envolvimento do escritor com o personagem. Um dos exemplos citados por Dosse (2009: 75) é de Stepan Zweig, em sua narrativa da vida de Erasmo de Roterdã, de 1935:

Quando Zweig escolhe Erasmo para tema biográfico, está em Londres, fugindo do nazismo. Por meio da figura de Erasmo, Zweig sonha com uma Europa inteiramente diferente da criada pela política de Hitler, que o força a um exílio ainda mais distante em 1941, no Brasil. Isso diz bem a que ponto o biógrafo é assumido, aliciado por seu herói, o “guerreiro da paz” numa Europa humanista, o “defensor mais eloquente do ideal humanitário, social e espiritual.” Inimigo do fanatismo, Erasmo lhe enseja a oportunidade de dar força e vida à sua palavra de ordem para combater a maré montante inexorável do perigo totalitário em 1935 (...).

Como no exemplo acima, acreditamos que Filóstrato atribui um papel para seu Apolônio, fazendo dele um símbolo do intelectual perfeito, capaz de circular dentro e fora do Império Romano ordenando o que o autor considerava errado, estabelecendo contatos e afirmando a importância da cultura grega e dos sofistas para o Império⁴.

Vale destacar que estamos corroborando uma historiografia que percebe a existência de uma cultura das elites no Império Romano, formada por elementos gregos e romanos em interação. Dessa forma, se constrói uma identificação greco-romana entre os grupos privilegiados, identificação essa que é um fator de coesão no Império Romano, embora as culturas dentro do Império fossem muito mais plurais que isso. Dentre os que trabalham como essa percepção, citamos Janet Huskinson (2000) e Andrew Wallace-Hadrill (2008).

Ressaltamos, portanto, que nosso estudo mostra uma nova perspectiva de leitura da VA, uma vez que grande parte dos estudos realizados sobre a mesma analisaram os elementos religiosos da construção de Apolônio de Tiana (HIDALGO DE LA VEGA,

⁴ Estamos usando o conceito de intelectual que Mario Mazza (1982: 93-94) desenvolve em texto sobre Filóstrato. Assim, intelectual seria aquele cujo valor essencial da vida reside no exercício da inteligência, sem que este exercício seja obrigatoriamente imperativo de trabalho, de função e de situação. O autor complementa sua ideia sobre intelectual mostrando que, para ele, o mesmo tem a cultura como valor absoluto, sendo um mediador da produção cultural e da sociedade, um organizador da cultura e da produção civil.

1995; CORNELLI, 2001); outros ainda apontaram elementos da identidade grega do autor, ora percebendo os mesmos como contrários ao Império Romano (ABRAHAM, 2009), ora corroborando com o poder imperial romano (FLINTERMAN, 1995), mas sem analisar a importante projeção do biógrafo Filóstrato em seu biografado a partir de uma reflexão sobre acontecimentos que marcaram o contexto da dinastia dos Severos, como estamos desenvolvendo trabalho.

Sobre o conceito de *identidade* aqui utilizado, mais especificamente como *identidade cultural*, estamos compreendendo a representação de si, ou de um grupo, enquanto pertencente a um conjunto de pessoas com valores e características culturais compartilhadas. Consideramos que a construção das identidades sempre perpassa pela visão do *eu/nós* em oposição ao *outro* ou aos *outros* grupos (CARDOSO, 2005; SAID, 2007). Assim sendo, as construções das identidades culturais sempre devem ser percebidas em seus aspectos relacionais. A partir dessa perspectiva será importante operacionalizar outro conceito na análise da afirmação identitária de Filóstrato, o conceito de *fronteiras*.

Norberto Guarinello (2010: 120) nos mostra que o conceito de *fronteiras* tem ocupado recentemente a atenção de muitas disciplinas das Ciências Sociais, mas deslocando de seu sentido óbvio de separação de Estados para um sentido mais metafórico, que tenta dar conta de um número grande de processos sociais. Guarinello (2010), então, aproxima sua definição sobre as *fronteiras culturais* romanas dos estudos sobre construções identitárias e modos de ação e negociação de grupos no mundo antigo. Várias tipologias são possíveis para o conceito de *fronteira*, tais como: lugar de passagem, campo de negociações, espaço de ação, definidor de grupos em ação, etc.

A concepção de fronteiras adotada aqui está ligada à ideia de identidades culturais como algo flexível, híbrido e negociável. Neste sentido, mesmo que percebamos que Filóstrato afirme-se como grego, como se existisse uma cultura grega homogênea e estável, temos claro que a identificação como grego em seu contexto, não era a mesma coisa que a identificação como grego na época clássica das *pólis*, sendo algo cultural e não étnico propriamente (WALLACE-HADRILL, 2008: 03-09). Não devemos desconsiderar o contexto vivido por Filóstrato: o Império Romano da dinastia dos Severos (193-235), a pluralidade, os encontros culturais típicos de uma formação imperial e a maneira como as

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

identidades culturais podiam conviver em um mesmo indivíduo sem problemas no período, como nos mostra Greg Woolf (1994).

Desta forma, a identificação de nosso autor que nos propomos trabalhar não é algo fixo, coerente e estável. Compreendemos que a autodefinição como grego feita por escritores da Segunda Sofística, como Filóstrato, foi uma forma de afirmação da *paideia* e de seus atributos dentro do Império Romano, esta identificação entrava em um jogo de negociações por *status* e posição social. Portanto, sabemos da importância que existia na autoexaltação de Filóstrato enquanto grego. Além disso, nosso autor possuía a cidadania romana, como vemos em seu cognome – ou nome gentilício – Flávio, o que mostra que nosso autor era cidadão de Roma. Portanto, ser grego não excluía ser romano em nossa concepção. Da mesma maneira como membros das elites provinciais do Império podiam se identificar como gregos e romanos sem deixar suas identidades locais de lado, como o caso do sofista da Gália, Élio Aristides, que se identificava como grego e galo segundo o próprio Filóstrato (VS, I, 489).

É assim que vemos que logo no começo das suas viagens, quando Apolônio se prepara para sair das fronteiras administrativas do Império Romano, ele menciona que irá “viajar e sair de suas fronteiras” (VA, I, 18), posicionando-se, em nossa análise, como um cidadão desse Império e tendo o limite entre *ele* e *o outro*, além do recebimento da *paideia*, que demarca a fronteira cultural para Filóstrato entre ele (grego/romano) e os povos considerados bárbaros, também as fronteiras geográficas do Império Romano⁵. Da mesma forma o conceito de fronteira nos será útil para perceber como Filóstrato/Apolônio identifica os indianos e a Índia, uma terra de sábios, mas que não estavam inseridos na geografia político-administrativa do Império Romano.

É na visão de um grego, mas um grego inserido no Império Romano e em seu processo imperialista, e não contrário a esse, que interpretaremos os contatos de Apolônio

⁵ A criação de uma identificação de um povo ou pessoa como bárbaro surgiu entre os gregos antigos durante o período arcaico. Já nas obras atribuídas ao poeta Homero, *Ilíada e Odisseia*, possivelmente do século VIII a.C., temos a percepção do que era ser bárbaro, embora a identidade grega em si estivesse pouco definida em tal contexto. Bárbaro, nestas primeiras obras literárias escritas em grego, era aquele que não falava a língua dos helenos, pois usava uma língua incompreensível: “bar, bar, bar”, daí a origem do termo bárbaro (GAGNEBIN, 1992). De um critério meramente linguístico, o termo passou a ser usado entre os gregos para definir aqueles que não compartilhavam dos códigos de comportamento, dos valores e dos modelos ideais da cultura grega, não possuíam a *paideia*. Tal representação foi estendida, mais tarde, para todos que fossem diferentes da cultura grega e romana, como podemos ver nas obras dos escritores do período imperial, como em Tácito (*Germânia*), por exemplo.

na Índia segundo a apresentação de biógrafo. Assim, antes de analisar a passagem de Apolônio pela Índia, objeto central do artigo, é fundamental compreendermos quem foi Filóstrato e quais os principais aspectos históricos do momento que viveu e escreveu, que, em nossa análise, estão inseridos em sua projeção sobre a estada de Apolônio na Índia.

Sobre Filóstrato e o contexto da dinastia dos Severos

Flávio Filóstrato nasceu por volta 160/170 na Ilha de Lemnos, parte do território ateniense, tendo sido membro da *Boulé* de Atenas. Sabemos que o mesmo nome Filóstrato aparece nas inscrições de um destacado general hoplita, um estrategista de Atenas (PUECH, 2002: 381). Há três referências a Flávio Filóstrato como general hoplita entre 200 e 210, mas sem menções a seu envolvimento em batalhas. No entanto, foi como sofista que nosso autor se destacou, sendo mencionado como tal em bases de duas estátuas encontradas em território grego (PUECH, 2002: 378-379) e citado desta maneira em obras de contextos posteriores, como no léxico medieval bizantino *Suda*, que cataloga muitos escritores da Antiguidade.

Em linhas gerais, os sofistas do Império Romano eram intelectuais prestigiados, sábios em eloquência em grego e latim, oradores das festas públicas e atravessadores das fronteiras incertas entre a retórica e a filosofia (GAGÉ, 1971: 226). Em Filóstrato, os sofistas são oradores virtuosos com grande reputação pública. Anderson (1986: 16) observa que para Filóstrato ser sofista significava realizar uma grande gama de atividades, como ser um performático orador e ensinar discípulos. Acrescentamos que, além da característica central de ser aquele que realiza discursos públicos em diversas situações e ensina retórica, os sofistas de Filóstrato estavam envolvidos em uma série de atividades político-administrativas, tanto em nível de suas cidades, como em nível imperial. Entretanto, Simon Swain (1991: 159) informa que inscrições epigráficas mostram que nem todos os sofistas eram homens tão notáveis como Filóstrato apresenta, o que nos demonstra como Filóstrato preocupou-se com a autoelevação da categoria de sofista em relação à vida pública.

De maneira geral, como já comentamos, na *VS* os sofistas filostratianos eram intelectuais viajantes que buscavam pela concórdia nas cidades gregas do Império Romano, possuíam grande proximidade com imperadores, exaltavam as tradições gregas e também

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

possuíam a função de negociador e de intermediador cultural entre cidades e povos do Império e o poder romano, mesmas características que aparecem em Apolônio de Tiana em toda VA. Assim sendo, os sofistas de Filóstrato na VS, assim como Apolônio de Tiana na VA, são homens públicos que ocupam cargos ou não, mas que são capazes de participar ativamente da vida política imperial por suas capacidades de serem grandes sábios.

Não podemos precisar quando Filóstrato passou a viver em Roma fazendo parte da corte severiana, mas provavelmente ele foi para a capital imperial a fim de ocupar alguma função próxima à corte imperial. Embora sem informação precisa da documentação sobre um possível cargo ocupado por Filóstrato junto aos Severos, acreditamos nessa possibilidade tendo em vista que o nosso sofista deixou sua região, onde possivelmente já ocupava cargos públicos em troca de algo que, a seu ver, poderia ser melhor para si.

Conforme Filóstrato, ele fez parte de um grupo de escritores próximos da imperatriz Júlia Domna, esposa de Septímio Severo, mãe dos futuros imperadores Caracala e Geta e importante personagem na política romana nos governos de seu marido e de seu filho Caracala. Esse grupo é chamado pelo escritor (VA, I, 3) de círculo (*kiklos*). É Júlia Domna quem Filóstrato diz ter lhe pedido que escrevesse a obra sobre a vida de Apolônio de Tiana (VA, I, 3), a quem a família severiana parece ter rendido especial admiração (VA, VIII, 31; DIÃO CÁSSIO, LXXVIII, 18, 4; *HISTÓRIA AUGUSTA*, Vida de Severo Alexandre, 29, 2).

Provavelmente Filóstrato realizou viagens junto com o cortejo imperial severiano. Talvez Filóstrato tenha feito parte do grupo que acompanhou Septímio Severo na *Expediitio Britannica* (208-211), pois na VA há indícios de conhecimento sobre a maré oceânica que ele pode ter adquirido nessa viagem (FLINTERMAN, 1995: 24). Como lemos na VA, Filóstrato afirma ter adquirido conhecimentos sobre o oceano na terra dos celtas, ou seja, na Gália, não havendo nenhum indício, entretanto, de ele ter estado com os Severos na Britânia, apenas de já ter estado na Gália: “As marés oceânicas, inclusive, eu mesmo já as vi na terra dos celtas [...]” (VA, V, 2). Além desse comentário, logo após essa passagem, o narrador da obra, que é o próprio Filóstrato, demonstra conhecimentos geográficos sobre a terra dos celtas (VA, V, 3).

Jaap-Jan Flinterman (1995: 20) afirma como certo que Filóstrato esteve no séquito de Caracala e Júlia Domna na Gália, pois, conforme sua minuciosa descrição, ele próprio

deixa claro que esteve presente quando o sofista Heliodoro se apresentou diante de Caracala na Gália em 213 (VS, II, 626). Concordamos com essa hipótese e acrescentamos a ela a própria indicação de Filóstrato ter estado na terra dos celtas e dela ter conhecimentos, mostrados na citação mencionada acima. Para nós, a presença de Filóstrato junto a uma expedição imperial como essa na Gália pode tê-lo colocado em contato próximo com discussões sobre as fronteiras do Império, seus problemas e a necessidade de ações visando à manutenção do poder imperial romano e os contatos com povos de fora da administração romana, como indianos, por exemplo, objeto deste artigo.

É importante frisarmos também que no contexto da dinastia dos Severos, quando a VA foi escrita, há um grande destaque para a extensão das relações político-culturais do Império Romano com as regiões do Oriente de dentro e de fora da administração imperial. A família da imperatriz Júlia Domna era da Síria, berço dos futuros imperadores severianos Heliogábalo (218-222) e Severo Alexandre (222-235), sobrinhos de Júlia Domna. Septímio Severo, por sua vez, era da província da África Proconsular. Portanto, era uma dinastia de imperadores provinciais. É neste sentido que Jean-Michel Carrié e Aline Rousselle (1999: 50) citam que a abertura do Senado às ricas famílias imperiais das províncias não era uma novidade, mas nenhum imperador antes de Septímio Severo estendeu tanto a universalização de Roma em suas múltiplas facetas justamente por ser um provincial sem vínculos familiares diretos com a Península Itálica.

Pela análise da documentação textual do período, em especial das obras de historiadores contemporâneos de Filóstrato, Dião Cássio (*História Romana*) e Herodiano (*História do Império Romano*), vemos que os imperadores severianos foram considerados como bons ou maus imperadores por membros das elites, como estes historiadores, não apenas pelas suas estratégias bélicas ou pelas suas atitudes administrativas, mas também pela maneira com que se aproximavam de elementos culturais greco-romanos aceitos como pontos de identificação pelas elites do Império. Nesse sentido, o imperador severiano que recebeu as piores críticas foi Heliogábalo (218-222), que é apresentado nos textos escritos por Dião Cássio e Herodiano como o responsável por frisar as diferenças culturais dessa dinastia, com seus costumes exóticos aos olhos das elites greco-romanas. Uma das primeiras coisas que Heliogábalo faz ao se tornar imperador é construir um templo para adoração do Deus Sol de Emesa, Elagabal, em Roma (HERODIANO, *História do Império*

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

Romano, V, 5, 8), do qual seus ancestrais da família de Júlia Domna, ele e o futuro imperador Severo Alexandre tinham uma tradição enquanto sacerdotes. Mesmo as roupas de Heliogábalo eram diferentes aos olhares dos romanos, assim como o imperador é mostrado dançando aos moldes bárbaros.

Além disso, ele era frequentemente visto, até mesmo em público, usando vestimentas bárbaras que os sacerdotes sírios usavam, e isso foi a razão de receber o apelido de “O assírio”. Uma estátua de ouro do Falso Antonino [referindo-se a Heliogábalo] foi erguida, e ela se difere pela sua grandeza e excesso de adornos (DIÃO CÁSSIO, *História Romana*, LXXX, 11, 2; 12, 2).

Não descreverei os cantos bárbaros que Sardanapalo [referindo-se a Heliogábalo] junto com sua mãe e avó, cantaram a Elagabal, ou os sacrifícios secretos que ele ofereceu ao deus, matando garotos e usando feitiços, na verdade, alimentando um leão, um macaco e uma serpente no templo dos deuses, jogando no meio deles órgãos genitais humanos, e praticando também outros ritos profanos, enquanto usava invariavelmente inúmeros amuletos. Importante elencar que ele foi ao absurdo extremo a ponto de cortejar uma mulher para Elagabal, como se o deus tivesse qualquer necessidade de casar e ter filhos (DIÃO CÁSSIO, *História Romana*, LXXX, 11; 12).

Costumava sair em público vestido de maneira bárbara com túnicas de manga larga, costuradas e talhadas de ouro e púrpura. Suas pernas também estavam cobertas, desde as pontas dos pés até a cintura, com roupas igualmente bordadas de ouro e púrpura. O colorido de uma coroa de pedras preciosas iluminava em sua cabeça (...).

Enquanto Basiano desempenhava suas funções de sacerdote e dançava junto aos altares de maneira bárbara ao som de flautas, seringas e outros instrumentos, todos olhavam para ele, especialmente os soldados, porque sabiam que pertencia à família imperial (HERODIANO, *História do Império Romano*, V, 3, 6-8).

Sua roupa estava entre as vestimentas dos sacerdotes fenícios e a luxuosa indumentária dos medos. Detestava os vestidos romanos e gregos porque, dizia, estavam feitos de lã, uma matéria prima pobre. Apenas gostava dos tecidos de seda. Aparecia em público ao som de flautas e tambores, sem dúvida em honra ao seu deus.

Ao vê-lo desta maneira, Mesa, se enfadava muito e, suplicante, tentava convencê-lo de que, ao se aproximar de Roma, com sua entrada no Senado, trocasse aquelas roupas por uma vestimenta romana. Temia que aquela roupa estranha e bárbara em todos os detalhes causasse desgosto nos que o vissem por não estarem acostumados. Temia que pensassem que aquilo não se tratava de coisas de homem, mas de mulheres. Mas Antonino menosprezou o conselho da anciã e ninguém o convenceu (HERODIANO, *História do Império Romano*, V, 5, 4-6).

Ou seja, novamente vemos como o momento de escrita da VA, era um contexto de intensas reflexões identitárias pelas elites imperiais, especialmente sobre o que era ser bárbaro, o que era ser romano e grego, assim como a importância da cultura grega como ponto de identificação entre os grupos aristocráticos, aspectos que serão bem observados no objeto de análise deste artigo.

Deixando um pouco de lado tais questões, e refletindo sobre as fronteiras geográficas, sabemos que os Severos também tiveram grande preocupação com as fronteiras do Império, especialmente as fronteiras orientais. No início do período dos Severos há a incorporação de parte da Mesopotâmia ao Império Romano, o reino de Osroene no Norte da Mesopotâmia, como clientela romana (GRIFFITI, 2004: 317) e guerra entre romanos e partos. Em 211/212 os persas, sob a dinastia sassânida, iniciam várias tentativas de conquistar partes do Império Romano. Em 220 os persas ocupam o reino dos partos e se tornam uma das maiores preocupações do Império no momento, formando um novo e poderoso império nos limites com os romanos, o Império Persa sassânida (MILLAR, 1988: 345). A partir de então, as rotas de ligação entre Roma e o Oriente distante via Golfo Pérsico passam a ser dificultadas. Em 230, os persas invadem a Mesopotâmia e lançam-se sobre as províncias romanas da Síria e a Capadócia, necessitando que os romanos intervenham para contê-los (LE GLAY; VOISIN; BOHEC, 1996: 408). O foco de gravidade do Império Romano, então, volta-se para o Oriente a partir deste período, como percebe o historiador Fergus Millar (1988: 346).

A questão geográfica parece ter preocupado tanto os Severos que os estudiosos indicam que pode ser da época destes imperadores, de Caracala mais precisamente, a elaboração do Itinerário Antonino – *Itinerarium Antonini* – ou, pelo menos, de parte dele. Trata-se de uma espécie de guia de viagens, com rotas, estradas e distâncias de localizações, considerado o maior dos itinerários romanos que chegaram aos nossos dias. Acreditamos que a escrita da VA e as preocupações de descrições de viagens e cenários geográficos feitos por Filóstrato podem ter ligação com as preocupações que levariam à elaboração desse guia. Além do mais, as preocupações com questões geográficas refletem, a nosso ver, também preocupações com questões identitárias, o que nos parece bem presente no período severiano e na VA, como mostraremos ao analisar as representações da Índia feitas por Filóstrato.

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

Devemos destacar também que é do contexto dos Severos, do governo de Caracala, a promulgação da *Constitutio Antoniniana* ou Edito de Caracala, quando há a extensão da cidadania aos habitantes livres do Império Romano. Segundo Alejandro Bancalari Molina (2000: 24) essa Constituição evidencia uma simbiose entre Ocidente e Oriente, pois ao ditar a *Constitutio*, Caracala criava um novo mundo, um império novo, único politicamente e juridicamente através de uma cidadania universal⁶. Bancalari Molina (2007: 252-253) aponta ainda que é comum encontrar moedas da época com referências a Caracala como *pactor orbis*, *propagator orbis*, *rector orbis* e com a legenda de *aeterni imperii*. E assim interpreta o interesse e a preocupação de Caracala em outorgar um caráter global ao edito, que correspondia à sua ideia de universalidade do *orbis Romanus*.

A circulação de Apolônio e a preocupação de Filóstrato em mostrar alguém com sua *paideia*, projetada no protagonista da *VA*, tendo a capacidade de manter contatos com povos dentro do Império Romano e mesmo fora dele, como no caso das representações da Índia, nos parece totalmente influenciada pelo contexto de extensão da cidadania e inserção de diferentes povos e diferentes culturas dentro da cidadania romana, além do foco nas partes orientais do Império e nos povos fronteiriços, lembrando que, como apresentamos, partos e persas eram os grandes inimigos do Império Romano no contexto severiano e estavam geograficamente entre o Império Romano e a Índia⁷.

Seria, assim, o contato com os indianos um objetivo almejado pelos romanos na época de Filóstrato, mas dificultado pelos inimigos que viviam entre suas regiões? Como a identidade grega, já presente no oriente e mesmo na Índia antiga desde os tempos do Império de Alexandre, o Grande, poderia ajudar nesses contatos? Como Filóstrato representa os indianos com quem Apolônio estabelece contatos? Estariam estas representações ligadas, de certo modo, aos anseios do autor e ao momento que vivia? Buscaremos responder a estas questões a seguir, mas antes apresentaremos algumas

⁶ A ideia de Bancalari Molina é uma possibilidade de interpretação da *Constitutio Antoniniana*, havendo historiadores, como Michael Grant (1996: 31), que analisam a mesma em suas implicações econômicas. Acreditamos que as razões de promulgação de leis, editos e constituições podem ter diversas naturezas e que a interpretação de Molina condiz com a realidade de simbiose Oriente e Ocidente no período Severiano que percebemos na documentação.

⁷ A partir da análise que fizemos da trajetória de Filóstrato, das passagens da *VA* e de outras obras do autor, em nossa tese de doutorado, acreditamos que a *VA* foi escrita, ou, ao menos, concluída e dada a ler, durante o governo do imperador Severo Alexandre.

reflexões sobre a realidade ou não das viagens de um possível Apolônio histórico e as criações filostratianas.

A possível realidade das viagens de Apolônio de Tiana descritas por Filóstrato

A realidade das viagens de Apolônio descritas por Filóstrato incomodou alguns estudiosos que debateram sobre as criações ficcionais do escritor e as possibilidades históricas de o biografado ter estado nos lugares descritos. Fernando Gascó (1985), por exemplo, se interrogou sobre quanto haveria de invenção na estadia de Apolônio na província da Hispânia Bética, desenvolvida pelo escritor no Livro V da *VA* e, em outro artigo de nossa autoria (SILVA, 2014a) discutimos sobre a possibilidade histórica da estadia de Apolônio na cidade de Alexandria, capital da província romana do Egito.

Sobre a viagem à Índia, Flinterman (1995: 86) acredita na realidade histórica da mesma na trajetória do biografado, analisando que o Apolônio histórico pode ter estado na Índia se pensarmos na interação existente entre a filosofia da qual Apolônio é considerado como seguidor nos documentos, o pitagorismo, e práticas religiosas e especulações do hinduísmo. De forma diferente, Jas' Elsner (1997) exclui totalmente a possibilidade de as viagens terem acontecido e diz que as mesmas são um *topos* retórico da Segunda Sofística, pois refletem os lugares canônicos da retórica geográfica da época: Índia, Babilônia, Ásia Menor, Atenas, Esparta, Roma, Gades, Líbia e Egito.

Em um estudo minucioso de outros documentos em torno de Apolônio, como as polêmicas cartas tidas como de autoria do tianeu⁸ e, mesmo diante da falta de documentos além da própria *VA* que mencionem Apolônio nos locais citados por Filóstrato, a historiadora Maria Dzielska (1986) considera que o Apolônio histórico realizou suas atividades apenas em poucas cidades da Ásia Menor, especialmente em Éfeso, Egeia, Tiana e Antioquia. Para a autora, Apolônio jamais esteve na Índia, na região da Pérsia ou na Bética e ele não foi tão conhecido nas vastidões de todo o Império Romano como quis mostrar Filóstrato. A documentação material referente à personagem – amuletos, epigrafia e citações em outros textos literários – aparece apenas em poucas referências relacionadas

⁸ Trata-se de um conjunto de cartas que chegaram até nós como de autoria de Apolônio de Tiana. Para um estudo sobre as mesmas sugerimos a leitura de nossa tese de doutoramento (SILVA, 2014b).

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

ao oriente grego do Império. Assim, Dzielska considera que o Apolônio histórico não foi tão conhecido como mostra Filóstrato, não tendo estado em locais como a Índia dos brâmanes. Nestes termos, as viagens de Apolônio seriam criações do biógrafo a fim de mostrar o caráter universal de sua sabedoria, salvaguardando-o, assim, de uma imagem ligada às práticas mágicas negativas que lhe foram atribuídas por outros escritores do Império Romano.

Para nós, parte considerável das viagens descritas na *VA* são criações do autor da obra conforme seus interesses em mostrar a importância de determinadas regiões em relação ao Império Romano. Talvez Filóstrato teve como intenção mostrar quais as relações político-culturais que um personagem como Apolônio, projeção do sofista em nossa hipótese, poderia ter desempenhado nestas regiões. Desta maneira, concordamos com Dzielska (1986) que o biógrafo transformou Apolônio em um viajante em perspectiva imperial, tendo sido as viagens do Apolônio histórico, talvez, reduzidas às cidades da Ásia Menor. Apolônio não é citado por nenhum de seus contemporâneos, o que faz com que Dzielska acredite ainda mais na redução de suas atividades apenas a uma parte das regiões que integravam o Oriente greco-romano. Realmente, causa-nos estranheza um renomado sábio que viaja por todo Império e até fora dele, aconselha imperadores e se relaciona com diversos monarcas e governantes, como mostra Filóstrato, não ser citado em nenhum documento de sua época que tenha chegado até nós, o que não poderia acontecer mesmo tendo sido perdida parte considerável da documentação antiga.

No entanto, devemos ter claro que sendo as viagens de Apolônio invenções ou não de Filóstrato, o fato de o sofista tê-las narrado já nos mostra seu interesse por elas no momento histórico em que vivia. Em nosso modo de entender, a possibilidade de as viagens serem reais e não invenções do autor não faz da escrita da *VA* menos ligada aos interesses de Filóstrato, assim como suas intervenções na narrativa são menos importantes enquanto representações⁹.

⁹ O conceito de *representações* que usamos segue a ideia proposta pelo historiador Roger Chartier (1988), sendo, para ele, a representação uma espécie de mapa mental no qual o autor/produtor do documento organiza a realidade. Cabe ao historiador desconstruir o discurso do documento por meio da análise da compreensão de mundo do autor/produtor, analisando seus anseios nas *representações*. Segundo Chartier (1988: 17) as apreensões de mundo particulares nos fornecem informações sobre os grupos sociais, pois, visando a estabelecer uma comunicação social, os indivíduos classificam, ordenam e hierarquizam a sociedade a sua volta. Dessa maneira, os grupos apresentam a sua concepção de mundo e seus valores.

Apolônio de Tiana na Índia

A viagem de Apolônio de Tiana e sua estadia em regiões da antiga Índia é um dos temas mais bem desenvolvidos da *VA*, ocupando dois dos oito livros escritos por Filóstrato (Livros III e IV). Portanto, a Índia é o local em que Apolônio permanece que ocupa a maior parte da obra. Primeiramente Apolônio estabelece pouso na cidade de Taxila (atual sítio arqueológico no Paquistão), depois passa pela região do rio Hifasis (atual rio Beás), pela região de Paraca e pela cidade dos sábios brâmanes, cujo nome não é mencionado.

O objetivo das viagens de Apolônio, mencionado tantas vezes na *VA*, é a busca por conhecimento filosófico (*VA*, I, 18, 32; II, 11; III, 16, 29; IV, 47). Neste sentido, um local considerado terras de sábios na Antiguidade, como a Índia, tem destaque no roteiro do tianeu filostratiano e é tratado como o motivo inicial das viagens. Entretanto, embora o objetivo mencionado por Filóstrato para as viagens de Apolônio seja a busca de conhecimentos, em parte substancial das mesmas, mesmo nos locais famosos como terras de sábios, ele exerce outras funções que não se resumem ao sábio errante em busca de aumentar sua sabedoria. Assim, ele aconselha governantes, intermedia conflitos e, especialmente, observa e comenta com seus seguidores sobre os povos e regiões por onde passa. Desta forma, estamos de acordo com François Hartog (2004: 224), que percebe que nas viagens do Apolônio filostratiano, ele ensina muito mais do que aprende. Vejamos estes detalhes na estadia de Apolônio na Índia, propriamente.

Logo na chegada nas regiões indianas, Apolônio é bem recebido por todos, desde nômades montados em elefantes (*VA*, II, 6) até os sábios indianos, os brâmanes (*VA*, III, 16, 29). Ao chegar à fronteira do reino dos partos com as terras indianas, Apolônio e seus seguidores se encontram com um governante indiano que os recebe muito bem por trazerem uma carta de recomendações do rei parto Vardanes, com quem Apolônio havia estado anteriormente na Babilônia. Conforme Francisco Guzmán Armario (2012), os partos sempre foram um problema na relação dos romanos com os indianos, uma vez que seu território ficava nas rotas que ligavam o Império Romano à Índia.

Mas Filóstrato escreve exatamente o contrário: é o rei parto Vardanes que recomenda Apolônio para o rei indiano. Essa representação de Filóstrato é significativa enquanto uma afirmação da cultura grega por parte de Apolônio, facilitadora da comunicação com partos e, por isso, exaltada. Assim, Filóstrato expõe aos seus leitores o

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

valor da cultura grega até para se chegar à Índia. Lembremos que, como tratamos inicialmente, o momento em que o autor viveu e escreveu a *VA* era justamente o da tomada do Império Parto pelos persas sassânidas e de conflitos destes com o Império Romano, o que torna, para nós, ainda mais significativa a afirmação de Filóstrato da cultura grega como mediadora e elemento central de comunicação, a nosso ver.

O governante indiano de nome não mencionado oferece a Apolônio e a seu grupo um barco oficial e um guia para acompanhá-los até o encontro com o rei indiano, recomendando ao seu rei que não fosse inferior ao rei parto Vardanes que havia estado anteriormente com o tianeu, no trato com “um homem grego e divino” (*VA*, II, 17). Apolônio e seus seguidores partem então em busca de Taxila.

No caminho até Taxila, a maior cidade indiana da época, o narrador apresenta muitos detalhes geográficos sobre o rio Indo, sua fauna, sua flora e as condições meteorológicas no trajeto (*VA*, II, 18-20). As descrições de Filóstrato sobre Taxila são confirmadas por escavações arqueológicas, os detalhes mostrados pelo autor são, assim, suficientemente convincentes conforme Christopher Jones (2001: 185). Diante disso, vemos como Filóstrato tinha informações geográficas ao escrever a obra. No entanto, Klaus Karttunen (1996: 189), estudando a relação dos gregos com a Índia, discorda da precisão das informações geográficas de Filóstrato nas passagens que ele narra sobre a antiga Índia. Karttunen percebe que nosso autor mescla citações de Ctesio, dos historiadores alexandrinos e de um autor desconhecido do século I a.C., apresentando inúmeras inexatidões e invenções.

De acordo com Filóstrato (*VA*, I, 3), suas informações foram retiradas do livro de memórias de Damis, um discípulo de Apolônio que o acompanhou em suas viagens. No entanto, a existência do livro de Damis é altamente questionada por estudiosos que acreditam que Filóstrato inventou essa fonte de informações para dar credibilidade ao seu relato, o que concordamos, pois se esse diário de memórias tivesse de fato sido escrito pelo discípulo durante as viagens, não haveria certas informações geográficas imprecisas e alguns erros.

Voltando a narração da viagem de Apolônio, há um exotismo na descrição do *outro*. O narrador nos conta sobre o aparecimento de homens de quatro cotovelos e de uma *empusa*, espécie de animal sugador de sangue (*VA*, II, 4). E Filóstrato menciona as façanhas

de Alexandre, o Grande, na região do Monte Nisa (VA, II, 9). Nessas passagens, Apolônio nos parece trilhando os caminhos de Alexandre, sendo o macedônio conquistador das terras indianas lembrado a todo o momento. Em Taxila, Apolônio encontra inscrições gravadas nas paredes de um templo, contando as façanhas de Alexandre (VA, II, 20) e um templo dedicado ao Sol (VA, II, 24). Percebemos como muitos elementos do contexto severiano em que viveu Filóstrato estão presentes nas narrações. Lembremos que Caracala tinha enorme admiração por Alexandre, o grande conquistador do Oriente, a quem o imperador acreditava dever imitar em sua busca de um grande império que unisse Ocidente e Oriente (BANCALARI MOLINA, 2000). Além disso, os cultos a divindade do Sol nos remetem também a família severiana, sendo os imperadores Heliogábalo e Severo Alexandre, sucessores de Caracala, respectivamente, sacerdotes do Sol¹⁰.

Em relação às descrições geográficas e étnicas, consideramos que elas não estão na VA apenas para ilustrar a narrativa, função que de fato cumprem, mas parece-nos que o propósito delas pode ir além se considerarmos novamente o contexto severiano, as constantes guerras no Oriente e a elaboração do Itinerário Antonino, o já citado guia de rotas ao Oriente, possivelmente do mesmo período. Segundo Pedro Paulo Funari (2012: 9), o historiador romano Salústio (86-35 a.C.) considerou a geografia e sua apresentação essenciais para as batalhas. Em nossa interpretação, portanto, as descrições étnicas e geográficas da VA têm o propósito de demonstrar os conhecimentos de Filóstrato, reforçando nossa hipótese sobre sua afirmação de funções aos sofistas e ligando o texto da VA às suas preocupações conforme seu momento histórico. Por meio das viagens, Filóstrato demonstra que Apolônio tem bons conhecimentos geográficos e étnicos das regiões orientais do Império em um momento de tensão e conflitos em parte do Oriente, conhecimentos estes muito necessários aos imperadores em termos estratégicos.

Prosseguindo o trajeto, Apolônio chega a Taxila, onde será hóspede do rei indiano, Fraotes. Ao encontrar Fraotes (VA, II, 26), a primeira observação de Apolônio é que o rei é um filósofo, o que o alegra muito e, para nós, mostra a importância que Filóstrato confere

¹⁰ A própria denominação Heliogábalo, tradução do grego *Elagabalos*, foi uma homenagem do imperador ao deus Elagabal, o deus Sol de Emesa (cidade síria de onde a família severiana vinha). O nome de nascimento de Heliogábalo era Vário Avito Basiano, mas ele passou a chamar-se Marco Aurélio Antonino quando foi aclamado imperador aos 14 anos, em referência aos imperadores Antoninos e, mais tarde, Elagabal, como o próprio deus. O nome latinizado Heliogábalo vem de uma tradição tardia, como vemos na *Vita Heliogabali*, da *História Augusta*, uma vez que os textos escritos da própria época de Heliogábalo não o denominam assim.

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

ao governante que estuda filosofia. Em conversa com Apolônio, o rei conta como evita a guerra com seus inimigos, os povos fronteiriços ao seu território, e Apolônio diz admirá-lo por sua busca pela paz, evitando as guerras.

– E também os meus inimigos, declarou o rei, faço deles partícipes de minhas riquezas. Pois aos bárbaros que habitam junto dessa região, sempre hostis e fazendo incursões contra minhas fronteiras, acalmo-os com essas riquezas. Inclusive, a região é defendida por eles, que não somente deixam de invadir meus domínios, como até expulsam outros bárbaros vizinhos, que são intratáveis.

E ao perguntar Apolônio se Poro também lhe tinha pagado algo, ele respondeu:

– Poro amava a guerra, mas eu amo a paz (VA, II, 26).

Para nós, essa passagem indica a visão do narrador sobre a importância de os governantes tentarem estabelecer a paz por meio de acordos e concórdias, evitando ao máximo as guerras, o que podemos ligar ao papel dos sofistas e de Apolônio como bons intermediadores de conflitos. Apolônio e os sofistas, portanto, são aqueles que cumprem o papel de assessorar governantes na busca pela concórdia e pela paz, eis a mensagem que acreditamos que Filóstrato busca transmitir como uma das possíveis funções para ele e seu grupo. Na passagem acima, vemos outro ponto importante que desenvolveremos a seguir, qual seja, o rei Fraotes reina entre bárbaros. Bárbaros nesta passagem são os vizinhos fronteiriços de Fraotes com os quais, no entanto, ele consegue estabelecer alianças e se comunicar. Deste modo, restariam bárbaros ainda piores que esses e que seriam de fato intratáveis.

Mais uma vez vemos os cultos ao Sol nas viagens de Apolônio pelo Oriente. O tianeu se mostra admirado com o respeito de Fraotes ao Sol (VA, II, 26). Apolônio desenvolve ainda uma longa conversa com o rei sobre os presságios e sobre as adivinhações realizadas por meio dos sonhos (VA, 36-38). Possivelmente aqui Filóstrato relaciona as práticas desse rei com os imperadores severianos, grandes admiradores da arte divinatória, como nos relatam Dião Cássio (*História Romana*, LXXV, 3, 1-3; 8, 1; LXXVI, 3, 4; 5, 5, 11, 1-2; 16, 2-5; LXXVIII, 1, 4-6; LXIX, 2,1; 4, 1-4; 7, 1-5; 8, 1-6) e Herodiano (*História do Império Romano*, II, 9, 5-6; III, 4, 3; IV, 12, 3-6.).

O rei Fraotes se exercita à maneira grega (VA, II, 27) e pratica a filosofia (VA, II, 29), pois havia recebido uma educação de gregos junto aos brâmanes (VA, II, 31),

possuindo conhecimentos sobre obras literárias gregas, como as tragédias de Eurípides (VA, II, 32). Por tais práticas, Fraotes aparece como um modelo ideal de soberano e é elogiado em diversos momentos durante as conversas com Apolônio.

A partir do momento em que conseguimos estabelecer uma relação dos sábios brâmanes com Apolônio, pois o próprio se compara aos indianos em seus conhecimentos em vários trechos da VA, e, estabelecemos relações do tianeu com os sofistas, para nós, Filóstrato deixa outra mensagem em sua representação de Fraotes como monarca ideal: ele é um rei sábio justamente porque teve sábios ao seu lado, presentes em sua educação, sendo esse, portanto, um papel que os sofistas podiam representar junto aos imperadores de Roma. Lembremos que o imperador Caracala e seu irmão e corregente Geta, quando crianças, foram educados por um sofista, Antípatro de Hierápolis, amigo de Filóstrato e biografado pelo autor na obra *Vidas dos sofistas* (II, 607).

Sabemos que era comum nos textos de gregos antigos esses se diferenciarem dos bárbaros do Oriente por acreditarem que aqueles possuíam governos despóticos (NIPPEL, 1996: 177). No entanto, percebemos que Fraotes, ao contrário da tradicional imagem do déspota oriental, é visto como monarca ideal mesmo reinando em um mundo bárbaro. Portanto, a construção do *outro* na VA está ligada aos interesses de Filóstrato. O sofista trabalha com as construções identitárias conforme seus propósitos. Por isso defendemos que devemos pensar as identidades como fronteiras identitárias, como destacado na Introdução desse texto. Ou seja, as identidades não são estanques e imutáveis e dependem de negociações e poder em relação aos anseios do autor, sua inserção política e seu contexto.

Após partir de Taxila, na busca pela terra dos brâmanes, novamente Apolônio segue os caminhos de Alexandre, o que não deixa de ser mencionado pelo biógrafo, que narra o encontro de Apolônio com uma estela de bronze que trazia escrito que ali era o limite do Império de Alexandre, (VA, II, 42). Esse limite, Apolônio, então, ultrapassa. Por sua vez, durante a travessia pelo rio Hifasis, o narrador nos conta que algumas árvores ao redor do rio são dedicadas à deusa Afrodite. E novas descrições do *outro* como exótico aparecem ao verem uma mulher com uma metade do corpo negro e a outra metade branca, (VA, III, 1-4). Temos descrições de animais fantásticos como unicórnios míticos (VA, III, 2) e dragões (VA, III, 8), expondo que mesmo com as relações comerciais mantidas entre o Império

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

Romano e a Índia, essa região ainda permanecia uma terra desconhecida e misteriosa para os escritores greco-romanos.

Segundo Guzmán Armario (2012, p. 252-254), há uma série de documentos, especialmente de natureza arqueológica, que apontam a existência de relações comerciais entre Roma e Índia no século I d.C. Tais trocas foram muito intensas, principalmente durante o período dos imperadores Augusto (27 a.C. - 14 d.C.) e Marco Aurélio (161-180), mas parecem ter decaído já no período dos Antoninos (117-192), com uma pequena diferença apenas no período de Marco Aurélio. Filóstrato nos dá pistas dessas relações comerciais e na *VA* (VI, 16) escreve sobre embarcações que partiam do Egito rumo à Índia. De fato, conforme Raoul McLaughlin (2012: 43), a rota marítima comercial que partia do Egito romano para a Índia é a mais bem comprovada entre o Império e o Oriente distante.

Todo ano, milhares de mercadores romanos navegavam pelo mar Vermelho para visitar mercados importantes na África e na Arábia. Essas viagens com frequência continuavam até a Índia e a baía de Bengala. Esse comércio era um fenômeno importante e quando a frota mercante romana que chegava à Índia ultrapassou uma centena de embarcações milhares de toneladas de carga oriental eram importadas para Alexandria a cada ano (McCLAUGHLIN, 2012: 43).

No entanto, mesmo com esse forte comércio entre Império Romano e Índia, Guzmán Armario (2012: 255), indica que as fontes literárias do Principado – séculos I, II e III d.C. – tratam muito pouco sobre as viagens rumo ao Oriente e, pelo menos em Filóstrato, a região é mostrada de forma bem exótica. Porém, mesmo com o exotismo étnico e da natureza, Filóstrato sempre descreve como Apolônio encontra elementos da cultura grega nas terras distantes: “Chegaram, pois, a uma fonte de água que Damis, logo que viu, afirma que se parece com Dirce, na Beócia” (*VA*, III, 17). E os sábios brâmanes “entoavam um canto como o hino de Sófocles, que se entoava em Atenas em honra de Asclépio” (*VA*, III, 17).

Tratando ainda das relações comerciais entre Império Romano e Índia, Guzmán Armario (2012: 262) explica que com a ascensão dos persas sassânidas sob o território do Império Parto, no período em que Roma era governada pelos Severos, tais trocas comerciais entre romanos e indianos são dificultadas, pois os persas passam a controlar o Golfo Pérsico, como já tratamos, local essencial da rota para a Índia. As trocas entre Império Romano e Índia não desaparecem, mas sofrem alterações. Acreditamos que a

escrita da VA, deste mesmo período, indica as pretensões de Filóstrato em mostrar como a cultura grega, encontrada até mesmo na Índia, era algo importante para os romanos também em suas relações com as regiões do Oriente que não estavam sob a administração imperial.

Voltando a estada de Apolônio entre os sábios indianos, que durou quatro meses, sabemos que o tianeu foi até a Índia em busca de aumentar seus conhecimentos no contato com os brâmanes e, mesmo Filóstrato afirmando o saber grego, pois nas terras indianas Apolônio também ensina muito aos brâmanes, ali ele tem algo a aprender, como lemos em vários diálogos entre Apolônio e o sábio indiano Iarcas no Livro III da VA. Filóstrato, então, narra as trocas de conhecimento entre Apolônio e os brâmanes sobre filosofia, reencarnações, justiça, cosmologia, milagres, adivinhação, mitologia, animais, etc. À vista disso, na terra impenetrável dos brâmanes, mesmo diante do exotismo da região indiana, Filóstrato define como também entre povos bárbaros pode haver algo de positivo e que os contatos podem ter valor para os não bárbaros (que são os gregos e os romanos).

Um dos momentos mais significativos, em nossa leitura, nas conversas entre Apolônio e o sábio Iarcas está nesta fala do brâmane ao tianeu:

– Parece que consideras como justiça o fato de não cometer injustiça e o mesmo, acredito, consideram todos os gregos. Pois como ouvi alguns egípcios que chegaram aqui certa vez, governadores romanos vão regularmente até vós com suas tochas levantadas, sem saber se vão governar miseráveis, mas vós, se estes não vendeis vossos veredictos, são chamados de justos. Ouvi dizer que a mesma coisa fazem traficantes de escravos ali, pois se chegam trazendo escravos cários, tratam de ponderá-los em seu modo de ser e estimam com elogios os escravos que não roubam. Dos governantes que afirmam estar submetidos, vós tendes a mesma estima e assim que, glorificando com os mesmos elogios dos escravos, os despedem como dignos de inveja, segundo acreditam (VA, III, 25).

O que Iarcas realça é o fato de a Grécia estar sob o poder do Império Romano sem que os gregos levantem questionamentos e ainda considerem os romanos como justos. A atitude de Apolônio, ou melhor, do narrador Filóstrato, é calar-se após a fala do brâmane. Nada é comentado sobre isso, mostrando que o biógrafo consente, portanto, com o poder do Império Romano. Propomos que essa passagem foi criada por Filóstrato para se posicionar como grego, mas um grego inserido no Império Romano e em sua estrutura de poder.

Ainda durante a passagem de Apolônio junto ao brâmane Iarcas, temos a descrição da chegada de um rei indiano de nome não mencionado. O rei chega acompanhado de

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

pessoas em alvoroço, vestido com fausto e cheio de pedrarias, é considerado desprovido de inteligência, falando coisas sem sentido, detestando os gregos e não falando a língua grega a ponto de precisar se comunicar com Apolônio tendo Iarcas como intérprete (VA, III, 31). Iarcas comenta que, caso se tratasse do rei Fraotes que, como indicado, aparece como uma espécie de monarca ideal na obra, haveria um silêncio e não todo aquele barulho (VA, III, 26).

A apresentação desse rei de nome não mencionado, novamente, nos remete ao contexto severiano e ao que mostram os historiadores Dião Cássio e Herodiano sobre o imperador Heliogábalo, que se vestia com roupas orientais e estava sempre envolto em muitos rumores sobre sua vida. O sucessor de Caracala era um governante tido como *pessimus princeps* (mau governante) pela sua aproximação com o que os grupos das elites imperiais consideravam como costumes bárbaros. Assim, acreditamos que Filóstrato construiu uma metáfora de Heliogábalo no rei indiano de nome não mencionado e demonstra concordar com seus contemporâneos historiadores sobre a imagem negativa de Heliogábalo e sobre os valores que eram esperados de um imperador pelos grupos das elites. O barulho que acompanha o rei indiano denegrado parece, justamente, a representação dos boatos que rondavam o governo e a vida do soberano romano.

Portanto, Fraotes, o rei indiano que conhece a língua grega e admirava os gregos, é honrado e tido como um modelo de rei ideal, já este segundo rei indiano, que não admirava os gregos e considerava que “nada dos gregos é digno de menção” (VA, III, 29), é tido como um rei menor (VA, III, 27-33). Para nós, possivelmente esses dois reis indianos simbolizam a visão de Filóstrato sobre os imperadores Heliogábalo e seu sucessor Severo Alexandre e a relação de ambos com as tradições gregas no Império Romano. Severo Alexandre é tido pelos contemporâneos de Filóstrato, Dião Cássio e Herodiano (*História do Império Romano*, V, 8, 2; VI), como um imperador educado com moderação e inteligência, e, assim, respeitoso à cultura das elites greco-romana, enquanto Heliogábalo, por sua vez, ficou conhecido como o imperador de costumes bárbaros, mal falado e denegrado.

Para apoiar nosso argumento da metáfora severiana feita por Filóstrato nos reis indianos, sabemos que nosso autor não tinha simpatia por Heliogábalo, o que ele mostra na obra *Vidas dos Sofistas*:

Encontrou-o [referindo-se ao sofista Eliano], Filóstrato de Lemnos certa ocasião, tendo, entretanto, nas mãos um escrito que lia com voz irada e sonora, e perguntou-lhe de que se ocupava; e ele respondeu: “Elaborei um discurso de acusação contra Ginmide – pois assim chamo ao tirano que acaba de ser justicado, porque cobriu Roma de tiranias de todo tipo.” E replicou Filóstrato: “– Admirar-te-ei se acusais um tirano vivo.” Pois atacar um tirano vivo é coisa de homens fortes, e insultá-lo quando morto, é coisa de qualquer pessoa (VS, II, 624)¹¹.

Desse modo, a relação dos monarcas indianos com a cultura grega também é um exemplo sobre o papel que Filóstrato defendia para os gregos, especialmente para os sábios como Apolônio e seus sofistas, o de tornarem seus governantes conhecedores da cultura grega dentro do espaço discursivo identitário dos grupos das elites imperiais. Acreditamos que tal metáfora é essencial para compreendermos mais uma mensagem transmitida por Filóstrato na obra, possivelmente direta à casa severiana: pessoas como Apolônio, a projeção de um sofista, devem estar ao lado dos governantes, assim como estiveram, por exemplo, o sofista e amigo do autor, Antípatro de Hierápolis – preceptor de Geta e Caracala (VS, II, 607) – e o próprio Filóstrato, o que mostramos ao tratar da trajetória de nosso autor.

Sobre o conhecimento da língua grega pelos indianos, Apolônio chega a se admirar com tal conhecimento (VA, III, 12). No entanto, a nosso ver, o sofista apresenta também sua visão das interações culturais que existiam na Antiguidade, expondo como as identidades são marcadas pela fluidez das fronteiras. Temos, assim, a autodescrição do rei indiano Fraotes para Apolônio, que nessa passagem, no entanto, se considera bárbaro mesmo sabendo grego, sendo bárbaro por destino de ter nascido na Índia:

– Temia achar que eu fosse atrevido quando ainda não me conhecia por mim mesmo, e achar que eu era um bárbaro não por decisão da sorte. Mas, após ter te conquistado, porque vejo que me aprecias, não posso me ocultar, assim te demonstrarei em vários aspectos que estou bem preparado em língua grega (VA, II, 27).

Apolônio conversa em grego com um mensageiro dos sábios que encontra ao chegar à cidade dos brâmanes: “Dizem que após chegar correndo até Apolônio, lhe dirigiu a

¹¹ Ginmide é uma das várias formas que Heliogábalo é tratado nos documentos antigos. Essa passagem corresponde a um trecho da biografia do sofista Eliano e trata de um encontro deste sofista com Filóstrato de Lemnos, possível parente de nosso Filóstrato. Embora a passagem não mostre algo que saiu da própria boca de Filóstrato, acreditamos que se ele não compartilhasse da visão de tirano que recaía sobre Heliogábalo, tal imagem desse imperador não estaria na VS.

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

palavra em língua grega e lhes pareceu extremamente estranho que todos da aldeia falassem grego” (VA, III, 12). Ademais, temos diálogos entre o brâmane Iarcas e o tianeu que mostram que o indiano, além de falar em grego, estava atento a essa língua, reparando um erro na carta de recomendação que lhe enviou o rei Fraotes sobre Apolônio.

Ao ver Apolônio cumprimentou-o em língua grega e lhe pediu a carta do indiano. Apolônio estranhou essa sua clarividência e Iarcas lhe observou que faltava uma letra na carta, um delta, seguramente, que havia escapado a quem escreveu (VA, III, 16).

Enquanto o indiano discursava, Damis afirma que sentiu grande admiração e que ele falou com grandiloquência. Ele nunca pensou que um indiano tivesse tal domínio da língua grega, e nem pensava sequer que um indiano conhecesse a língua grega, mas ele dissertou com muita facilidade e oportunamente (VA, III, 36).

Havia de fato a possibilidade dos governantes orientais conhecerem o idioma grego pelos contatos desde a época helenística e por ser esta a língua de diplomacia em regiões orientais desde então.

Diante dessas informações, indagamos o que diferencia para Filóstrato esses indianos conhecedores da língua grega, como o rei indiano Fraotes e os sábios brâmanes, do próprio Filóstrato e de Apolônio, uma vez que eles sabem falar grego, interagem com a cultura grega e, como conferimos, não era o local de nascimento elemento decisivo na identificação como grego no contexto em que nosso autor escreveu sua obra? Por que esses indianos não são considerados gregos? Além disso, como sabemos, a língua era a melhor forma de distinção entre gregos e não gregos na Antiguidade, sendo que na origem do conceito de bárbaro estava justamente a ideia daquele que não fala grego (NIPPEL, 1996: 168). O que os diferencia, a nosso ver, é que os indianos não estavam sob a administração de Roma, não estavam nos limites da cidadania e, por isso, são citados como sábios, mas ao mesmo tempo não deixavam de ser o *outro*.

Portanto, as identidades aqui só podem ser analisadas em fronteiras. Para Filóstrato há sábios que receberam uma educação helênica, esses ora são tratados como bárbaros, ora não, mas também não são gregos (indianos como Fraotes e os brâmanes) e há sábios que mesmo não nascendo na Grécia são gregos, pois estavam sob o poder do Império Romano (Apolônio, que era da Capadócia e alguns sofistas da VS, como o citado gaulês Élio Aristides e o romano Eliano, VS, II, 624), assim como há aqueles que não compartilham da

cultura grega e certamente são bárbaros (o rei indiano de nome não mencionado). Novamente vemos como as identidades não são estanques e dependem das representações, ou melhor, das lutas de representações.

Sobre o recebimento da *paideia* grega e o deixar de ser bárbaro temos uma passagem interessante na VA, quando um discípulo de Apolônio, o sírio Damis, da mesma região de onde vinha a dinastia severiana, diz: “Assim, percebi que acompanhando-o pareceria sábio e não ignorante, homem educado e não bárbaro. E, em sua companhia chegaria até os indianos, chegaria a vê-los e me mesclaria aos gregos, sendo transformado por ele em grego” (VA, III, 43). Damis, o sírio, recebendo a *paideia* se tornava grego, diferentemente dos indianos, pois para estes não bastava a cultura helênica, na medida em que, para Filóstrato, aquela só teria efeito para fazer alguém ser reconhecido como um igual se aliada ao poder imperial romano.

Considerações finais

Partimos do princípio de que as representações do *outro* são resultados de uma autocompreensão e autoafirmação daquele que representa. É através dos contrastes estabelecidos que se constrói e se afirma uma imagem de si próprio. Desta forma, percebemos a caracterização dos gregos perante os indianos como uma forma de Filóstrato demonstrar como a cultura grega podia ser um elemento importante nas negociações e nas interações com povos de fora do Império Romano, especialmente nas partes orientais em destaque no contexto da dinastia dos Severos. As viagens de Apolônio são, neste sentido, a ferramenta utilizada por Filóstrato para expor a onipresença da cultura grega dentro e fora do Império Romano. Nessas viagens há uma afirmação da cultura grega em diálogo com a cultura do *outro*. Assim sendo, Filóstrato alega papéis para Apolônio, projeção de si próprio e dos sofistas, no processo de comunicação, ordem e integração do Império Romano com povos de dentro – mostrados em outras passagens da obra que não caberia, entretanto, trabalhar neste artigo – e de fora – como no caso dos indianos – da administração romana.

Devemos perceber que Apolônio de Tiana é trazido na documentação paralela a VA como um feiticeiro charlatão ou como um filósofo pitagórico. No entanto, Filóstrato o transforma em um homem com capacidades divinas, livrando-o da mácula de feiticeiro e,

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

em especial, o transforma em um sofista tal como ele, o biógrafo. Em Filóstrato, como vimos, os sofistas eram grandes sábios e um filósofo podia ser sofista se fosse um sábio (VS, I, 484). Assim é o Apolônio filostratiano que, além disso, é chamado claramente de sofista em VA, VII, 16.

Não podemos deixar ainda de considerar que projetar-se, conscientemente ou não, em um personagem como Apolônio de Tiana, e conseqüentemente projetar seus anseios, era algo especial naquele momento, pois sendo a dinastia dos Severos admiradora deste personagem, possivelmente, seriam leitores da obra. Além do mais, analisando a VA conforme seu contexto de escrita, percebemos Filóstrato buscando dialogar sobre a dinastia severiana, que possuía elementos “bárbaros”, mas podia ser “civilizada”, adequar-se aos limites do aceito, estar dentro do campo discursivo comum entre os grupos das elites. Para isso, nada melhor do que uma aproximação da dinastia com alguém como Apolônio/sofistas. Parece ter sido essa uma das mensagens que nosso autor buscou transmitir em seu texto. Nas passagens que mostram Apolônio na Índia isso fica perceptível pela maneira positiva como é tratado o rei considerado sábio, que teve contato com os sábios brâmanes, conhecedores da cultura grega, e a falta de aproximação do rei de nome não mencionado com os brâmanes e com a cultura grega. Os sofistas de Filóstrato fariam, em nossa análise, o papel dos brâmanes, o de tornar os governantes sábios, bons e não mais bárbaros.

Assim, a viagem para a Índia forneceu muitos elementos e situações metafóricas para Filóstrato trabalhar suas representações da ideia de bárbaros e não bárbaros e do quão a cultura grega seria importante nesse império de dimensões enormes, de guerra nas fronteiras e de uma dinastia com alguns imperadores considerados bárbaros, como Heliogábalo, mostrando, por meio de sua projeção em Apolônio de Tiana, como um sofista como ele e seu grupo poderiam atuar.

Referências Bibliográficas

Fontes Documentais

CASSIUS DIO. *Dio's Roman History*. Traduzido por Earnest Cony. London/Harvard William Heinemann, Harvard University Press, s/d.

EUSEBIUS. Reply to Hierocles. In: PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. Editado e traduzido por Christopher P. Jones. Cambridge, MA/London: Harvard University Press, 2006, Vol. III, p. 145-257.

FILÓSTRATO. *Vida de Apolônio de Tiana*. Tradução, introdução e notas de Alberto Bernabé Pajares. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

_____. *Vidas de los Sofistas*. Introdução, tradução e notas de María Concepción Giner Soria. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HERODIANO. *Historia Del Imperio Romano después de Marco Aurelio*. Traducción y notas por Juan J. Torres Esbarranch. Madrid: Editorial Gredos, 1985.

HISTOIRE AUGUSTE. Tome III, 1re partie: Vies de Macrin, Diaduménien et Héliogabale. Texto estabelecido, traduzido e comentado por R. Turcan. Paris: Les Belles Lettres, 2002.

_____. Tome III, 2e partie: Vie d'Alexandre Sévère. Introdução, edição crítica, tradução e comentários por Cécile Bertrand-Dagenbach. Aparato crítico por Agnès Molinier-Arbo e Cécile Bertrand-Dagenbach. Paris: Les Belles Lettres, 2014.

_____. Tome V, 1re partie: Vies d'Aurélien et de Tacite. Texto estabelecido, traduzido e comentado por F. Paschoud. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

LUCIANO. Alejandro o el falso profeta. In: _____. *Obras*. Tradução de José Luís Navarro Gonzales. Madrid: Gredos, 1988, Vol. II, p. 392-426.

PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. Editado e traduzido por Cristopher P. Jones. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2005, Vol. I.

_____. *The Life of Apollonius of Tyana*. Editado e traduzido por Cristopher P. Jones. Cambridge/Massachusetts/London: Harvard University Press, 2005, Vol. II.

SUDA. On Line: Byzantine Lexicography. Disponível em: <<http://www.stoa.org/sol/>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

Fontes Bibliográficas

ABRAHAM, Roshan. *Magic and religion authority in Philostratus' Life of Apollonius of Tyana*. PhD Dissertation – University of Pennsylvania, Philadelphia, 2009.

ANDERSON, Graham. *Philostratus: Biography and belles-lettres in the third century A.D.* London/Dover: New Hampshire, 1986.

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

BANCALARI MOLINA, Alejandro. Relación entre la *Constitutio Antoniniana* y la *Imitatio Alexandri* de Caracalla. *Revista de Estudios Histórico-jurídicos*, n. 22, 2000.

_____. *Orbe romano e Imperio global*. La romanización desde Augusto a Caracalla. Santiago: Editorial Universitaria, 2007.

CARDOSO, Ciro F. S. Etnia, nação e a Antiguidade: um debate. In: NOBRE, C. K.; CERQUEIRA, Fábio V.; POZZER, Kátia M. P. (eds.). *Fronteiras e etnicidade no mundo antigo*. Pelotas/Canoas: Editora da UFPel; Editora da ULBRA, 2005, p. 87-104.

CARRIÉ, Jean-Michel; ROUSSELLE, Aline. *L'Empire romain en mutation*. De Sévères à Constantin, 192-337. Paris: Éditions du Séuil, 1999.

CARRIÉ, Jean-Michel. Unificação política, globalização cultural e economia-mundo no Império Romano tardio. ENCONTRO REGIONAL DO GLEIR, 3., Franca. *Comunicação oral...* Franca : Unesp, 2011. p. 1-24.

CARVALHO, Margarida M. de. *Paideia e retórica no século IV d.C*. A construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório de Nazianzeno. São Paulo: Annablume/FAPESP, 2010.

CHARTIER, Roger. *A história cultural*. Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

CORNELLI, Gabrielle. *Sábios, filósofos, profetas ou magos?* Equivocidade na recepção das figuras de θεῖοι ἄνδρες na literatura helenística: a magia incomoda de Apolônio de Tiana e Jesus de Nazaré. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2001.

DODDS, Eric R. Teurgia In: _____. *Os gregos e o irracional*. São Paulo: Escuta, 2002, p. 284-314.

DOSSE, François. A idade heróica. In: _____. *O desafio biográfico*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 123-193.

DZIELSKA, Maria. *Apollonius of Tyana in legend and history*. Problemi e ricerche di storia antica. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1986.

ELSNER, Jas'. Hagiographic geographic: travel and allegory in the Life of Apollonius of Tyana. *Journal of Hellenic Studies*, n. 117, p. 22-37, 1997.

FLINTERMAN, Jaap-Jan. *Power, paideia & pythagoreanism: Greek identity, conceptions of the relationships between philosophers and monarchs and political ideas in Philostratus' Life of Apollonius*. Amsterdam: J. C. Gieben, 1995.

FUNARI, Pedro P. A. Aspectos da geografia antiga. *Revista Chrônidas*, v. 5, n. 14.2, 2012.

GAGÉ, Jean. *Les classes sociales dans l' Empire romain*. Paris: Payot, 1971.

GAGNEBIN, Jeanne M. O início da história e as lágrimas de Tucídides. In: _____. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 15-37.

GASCÓ, Fernando. El viaje de Apolônio de Tiana a la Bética (siglo I d.C.). *Revista de Estudios Andaluces*, n. 04, p. 13-22, 1985.

GRANT, Michael. *The Severans. The changed Roman Empire*. London: Routledge, 1996.

GRIFFITH, Sidney H. Beyond the Euphrates in Severan Times: Mani, Bar, Daysan and the struggle for allegiance on the Syrian frontier. In: AITKEN, Ellen B.; MACLEAN, Jennifer K. B. (eds.). *Philostratus's heroikos: religion and cultural identity in the third century C. E.* Boston: Brill Academic Publishers, 2004, p. 317-332.

GUARINELLO, Norberto. Ordem, integração e fronteiras no Império romano: um ensaio. *Mare Nostrum*, v. 1, p. 113-127, 2010.

GUZMÁN ARMARIO, Francisco J. Objetivo: la India. Los viajes entre el imperio romano y el subcontinente indio y sus consecuencias históricas. In: BRAVO, Gonzalo; GONZÁLEZ SALINERO, Raúl. (eds.). *Ver, viajar y hospedarse en el mundo romano*. Madrid/Salamanca: Signifer Libros, 2012, p. 249-263.

HARTOG, François. A memória de Apolônio e o nome de Pitágoras. In: _____. *Memória de Ulisses*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004, p. 223-234.

HIDALGO DE LA VEGA, María J. *El intelectual, la realeza y el poder político en el Imperio Romano*. Salamanca: Ediciones Universidad Salamanca, 1995.

HUSKINSON, Janet. Looking for culture, identity and power. In: _____. (ed.). *Experience Rome. Culture, identity and power in the Roman Empire*. New York: Routledge, 2000, p. 3-27.

JONES, Christopher P. Apollonius of Tyana's passage to India. *Greek, Roman and Byzantine Studies*, n. 42, p. 185-199, 2001.

KARTTUNEN, Klaus. In India e oltre: greci, indiani, indo-greci. In: SETTI, Salvatore (org.). *I greci*. Storia, cultura, arte, società. Torino: Einaudi, 1996, vol. 4, p. 167-202.

LE GLAY, Marcel; VOISIN, Jean-Louis; LE BOHEC, Yann. *History of Rome*. Cambridge: Blackwell Publishers, 1996.

MAZZA, Mario. L'intellectuale come ideologo: Flavio Filostrato ed uno "speculum principis" del III século d.C. In: BROWN, Peter; RUGGINI, Lellia C.; MAZZA, Mario. *Governanti e intellettuali*. Popolo di Roma e popolo di Dio. (I-VI secolo). Torino: G. Giappichelli Editore, 1982, p. 93-121.

MCLAUGHLIN, Raul. *Roma e o Oriente distante*. São Paulo: Rosari, 2012.

IDENTIDADE GREGA E PODER IMPERIAL ROMANO EM REPRESENTAÇÕES
DA ÍNDIA: REFLEXÕES A PARTIR DA *VIDA DE APOLÔNIO DE TIANA*

MILLAR, Fergus. Government and diplomacy in the Roman Empire during the first three centuries. *The International History Review*, v. 10, n. 3, p. 345-377, 1988.

NIPPEL, Wilfried. La costruzione dell'altro. In: SETTI, Salvatore. *I greci*. Storia, cultura, arte, società. Torino: Einaudi, 1996, vol. 1, p. 166-196.

PUECH, Bernadette. Lucius Flavius Philostratus. In : _____. *Orateurs et sophistes grecs dans les inscriptions d'époque impériale*. Paris: J. Vrin, 2002, p. 377-383.

SAID, Edward. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

SILVA, Semíramis C. O sábio Apolônio de Tiana na cidade de Alexandria: a visão do sofista grego Filóstrato sobre a capital da província romana do Egito (século III d.C.). *Romanitas*. Revista de Estudos Grecolatinos, v. 3, p. 107-128, 2014a.

_____. *O Império Romano de Filóstrato nas viagens da Vida de Apolônio de Tiana*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2014b.

SWAIN, Simon. The reability of Philostratus's "Live of the Sophists". *Classical Antiquity*, v. 10, n. 1, p. 148-163, 1991.

WALLACE-HADRILL, Andrew. *Rome's cultural revolution*. Cambridge;New York: Cambridge University Press, 2008.

WOOLF, Greg. Becoming Roman, staying Greek: Culture, identity and civilizing process in the Roman East. *Proceedings of the Cambridge Philological Society*, n. 40, p. 116-143, 1994.

Recebido em: 11 de novembro de 2016

Aceito em: 07 de março de 2017